

## Viagem a Portugal de Sérgio Tréfaut

◀ A Torre de Belém aparece no fundo de uma fotografia, como paraíso inalcançável ou extraviado. Quem espera de *Viagem a Portugal* um panfleto turístico em forma de filme que se desengane pois trata-se do oposto. Não que se denigre a qualidade das nossas atrações, simplesmente porque nem sequer chega lá, fica-se pela viagem que poderia ter sido. O título do filme, *Viagem a Portugal*, é de uma ironia dramática. Portugal até pode ser um país maravilhoso, mas nós ficamos nos pelas paredes brancas do aeroporto de Faro, onde uma ucraniana (Maria de Medeiros) que veio visitar o marido (Makena Diop), com um visto de turismo válido, é impedida de entrar no país pelos Serviços de Estrangeiros e Fronteiras.

Não deixa de ser sintomático que Sérgio Tréfaut, que se destacou no documentário com *Lisboetas* onde, mais uma vez com alguma ironia no título, revelava as comunidades imigrantes de Lisboa, regresso ao tema da imigração na sua primeira ficção. E, mais uma vez, com uma intenção política e humana, de mostrar o que não se vê. Aqui desperta em nós, da forma mais violenta, um sentimento de injustiça, exibindo as sutilezas da discriminação xenófoba e racial. Fã-lo de forma inteligente, humanizando de certa maneira os agentes da polícia, sobretudo a agente interpretada por Isabel Ruth, desenhando-os com as suas contradições, culpando também o sistema em si, sem os diabolizar como o mal absoluto. Um conceito ademais realista e eficaz. Porque a xenofobia lusa aparece muitas vezes mascarada ou alternada com cartas de princípios e condescendentes boas intenções e lições de tolerância. Mas o resultado efetivo é a usurpação de direitos básicos que nos provoca uma sensação de claustrofobia. Tudo isto no Portugal contemporâneo que é como quem diz, em 1998, ano da Expo de Lisboa, em que Tréfaut contextualiza a história inspirada em factos verídicos.

Subleva-se um conceito formal e minimalista. O fundo branco em que as cenas decorrem e se repetem numa outra perspetiva, na tentativa de nos colocar em ambos os lados... Porque facilmente vestimos a pele do oprimido, alinda para mais quando a atriz que faz de ucraniana é a portuguesa Maria de Medeiros. Mas na verdade, enquanto portugueses calha-nos talvez o papel do opressor. Sérgio Tréfaut estreou-se da melhor forma na ficção, e o seu filme é um forte candidato ao prémio nacional do Indie.

▷ Cinema São Jorge, sala 1, sala 8, às 21 e 45, e Sala 3, dia 11, às 21 e 30



Viagem a Portugal Um país inalcançável



América Portugal a terra dos sonhos por cumprir

## América de João Nuno Pinto

◀ América leva a *Viagem a Portugal* mais além do que o filme de Sérgio Tréfaut, para mostrar como, atravessadas todas aquelas fronteiras impossíveis, Portugal, a Terra dos Sonhos dos Imigrantes, se transforma facilmente numa prisão. João Nuno Pinto fez um magnífico primeiro filme, rodado na Cova do Vapor (na Costa da Caparica) a partir de um argumento de Luísa Costa Gomes. Há em primeiro lugar um microcosmos de marginalidade, numa espécie de favela junto ao mar, em que os pequenos crimes à portuguesa marcam o quotidiano de uma comunidade em tempos piscatória. É um meio fechado, com as suas próprias regras, mas que, ao mesmo tempo, perdeu as suas características típicas, através de uma espécie de multiculturalismo chunga, em que, a rigor, não se marca grande diferença entre as telas: a que apanha os imigrantes também apanha os portugueses. Portugal é o país por cumprir.

O circuito é fechado. Mas as personagens são tão bem construídas, sobretudo a de Fernando Luis e a de Dinarte Branco, que conseguem contrabalançar humor no meio de um mundo claustrofóbico e dramático, com um humor digno de Kusturika. Aliás, todo o drama, a opressão e o sentido mais fundo de beco sem saída é dado pela per-

sonagem de Chulpan Khamatova, a esposa ucraniana, que só encontra desilusões no mundo, e, por acasos da vida, vê-se fechada num abismo junto ao mar. É de ali que se adivinha a tragédia, um pouco à medida de *Noite Escuro* ou *Mul Nascida*, ambos de João Canijo, ao mesmo tempo que se desenha a esperança (obviamente falsa).

O filme é realizado com perícia, com planos longos, que mostram a dimensão labiríntica do bairro, e também as suas contradições: o mar em volta, a praia de areia branca, o que sobra do paraíso sonhado. As personagens são caricatas, mesmo a de Raul Solnado, no papel de falsificador, que faz aqui a sua última grande interpretação cinematográfica. João Nuno Pinto joga com esta figuras, do brasileiro à líder espanhola, passando pela máfia russa, os imigrantes ortopedistas enclausurados, o moedinho ou a avó, que lembra a velhota que vive no sótão do *Alô Alô*. Há uma ironia do destino. E o eterno impasse português é dado pelo sempre bem-posto Dinarte Branco. Para já por insistir em vestir-se bem, com fato, em ambiente antagónico. Mas acima de tudo pelo seu empreendedorismo: está sempre a dizer 'temos que ir para frente', mas geralmente não se consegue fazer ouvir e a sua vontade de mudança é sempre tardia. João Nuno Pinto, de forma inteligente, numa linguagem de puro cinema, dá uma imagem desoladora de Portugal através de um